

O Exercício da colegialidade Nas Equipas de Nossa Senhora

Introdução:

A Equipa Responsável Internacional – ERI – no mês de Maio de 1993, por ocasião da definição da Responsabilidade nas Equipas de Nossa Senhora (1), fez referência pela primeira vez, à “Colegialidade”. Hoje, quase dez anos depois, tendo em conta a experiência e a prática da Colegialidade aos níveis internacional e regional, a ERI quis aprofundar o exercício da Colegialidade e a sua prática, com o Colégio que se reuniu em Melbourne – Austrália – em Julho de 2002. Este documento recolheu todas as observações do Colégio assim como das Super Regiões e nós apresentamo-lo como um exemplo, por si mesmo, do trabalho da Colegialidade.

O presente documento faz referência, primeiramente, ao trabalho colegial no interior da ERI, e entre a ERI e o Colégio, mas constitui igualmente um guia para o exercício da Colegialidade a todos os níveis de responsabilidade do Movimento.

Porque é a Colegialidade importante nas Equipas de Nossa Senhora? Em primeiro lugar, porque mais que um método, a colegialidade é um estado de espírito que caracteriza as práticas do nosso movimento para que encontremos juntos qual é a vontade de Deus. Este estado de espírito encontramos-lo já na vida do Casal e da Equipa.

O casal: porque a conjugalidade é animada em grande parte pela busca deste espírito, cujo consenso é a expressão. O casal tende para esta busca da vontade de Deus sobre o seu “agir” na medida em que quer viver, no comunhão conjugal, a sua missão ao serviço do amor que o une, e segundo os fundamentos que sustentam o sacramento do matrimónio(a liberdade, a co-responsabilidade, a escuta recíproca, a fecundidade, a indissolubilidade, a duração). O aspecto visível desta busca encontra-se em evidência no espaço que constituem, entre outras, a Oração Conjugal e o Dever de se Sentar.

A vida de Equipa: sustentam necessariamente o exercício de um viver colegial na medida em que isso faz parte dos nossos carismas fundadores: estar reunidos em nome de Cristo, arrebatados espiritualmente e materialmente, acolher-nos nas nossas diferenças, testemunhar o amor de Deus no coração do amor humano (2).

Pôs-se muitas vezes à ERI a questão da colegialidade como meio de funcionamento do Movimento, e considerou em 1995 no Colégio de Dublin, que aquela era um fundamento essencial da sua unidade.

Isto supõe um estado de espírito que irriga o conjunto do nosso movimento ao mesmo tempo que uma boa compreensão dos mecanismos que fundam a colegialidade. É o que vamos tentar fazer definindo o que poderá ser a Colegialidade, examinando os seus fundamentos e a maneira como ela se pode exercer.

(1) ENS. A responsabilidade nas Equipas de Nossa Senhora. Edição francesa, Paris, Maio 1993.

(2) Cf. END. Guia das Equipas de Nossa Senhora. Março 2001, pp. 12-16.

I. AS RAIZES DA COLEGIALIDADE

A Igreja convida o nosso Movimento a interrogar-se como pode anunciar Cristo e o seu Evangelho ao casal numa época em que nós temos mais consciência de fazer parte de uma humanidade única, ao mesmo tempo que atravessada pelo pluralismo das línguas, das culturas e das nações.

Se o Evangelho quer ser entendido pelo casal em todas as culturas, é preciso reflectir na colaboração que se espera de nós no plano da evangelização, enquanto exprime a diversidade dos responsáveis reunidos numa mesma busca de unidade.

Procurando as raízes da Colegialidade, podemos identificar, pelo menos, três fontes principais: na linguagem jurídica, na linguagem oficial da Igreja, e na linguagem da escritura.

A) Na linguagem jurídica

A “**Collegiatas**” encontra-se na linguagem jurídica, nos meios universitários e das profissões médicas, chamadas a tomar decisões em comum. Neste contexto, a Colegialidade é a propriedade em virtude da qual um grupo autorizado possui, na alçada da sua competência, as atribuições necessárias para tomar decisões, soberanas ou não, da sociedade no seio da qual exerce a sua actividade.

B) Na linguagem oficial da Igreja

O número 22 de “Lumen Gentium” fala do Colégio formado pelo Papa, sucessor de S. Pedro, e pelos bispos, sucessores dos Apóstolos; é o que se conhece sob o nome de «colegialidade» à maneira do Colégio Apostólico.

Sobre a colegialidade, no sentido próprio do termo, a “Lumen Gentium” precisa:

- > Todos os Bispos juntos constituem um Colégio, um corpo, uma ordem e este Colégio sucede ao Colégio Apostólico para o magistério e para o governo pastoral da Igreja; é presidido pelo Papa, que é a cabeça. Solidariamente e sempre com o Papa, o Colégio dos Bispos exerce o seu poder sobre toda a Igreja.
- > Os Bispos tornam-se bispos, de uma maneira legítima, em virtude da consagração sacramental e pela comunhão hierárquica com a cabeça do Colégio e com os seus membros.
- > A condição essencial da Colegialidade no sentido mais forte do termo, entre o Papa e os outros bispos, é a comunhão hierárquica com o Papa, pois que é o Papa que chama os bispos a tomar uma decisão colegial; ou então é ele quem deve aceitar e validar o que os mesmos Bispos decidiram em conjunto.

O número 23 fala da prática da Colegialidade entre os bispos, quer dizer do que se chama colegialidade solidária, ou então o espírito colegial (Em latim *affectus collegialis*).

A Colegialidade entre o Papa e os Bispos, de que nos fala o número 22 da Constituição *Lumen Gentium*, não pode ser directamente comparada com a Colegialidade entre os casais da ERI, nem com a Colegialidade entre os casais do Colégio ERI-S.R.

A razão é evidente: o carácter apostólico da Igreja significa que esta é estruturada sobre a base do ministério hierárquico, à maneira do Colégio apostólico formado por S. Pedro e pelos outros apóstolos; por outro lado, Equipas de Nossa Senhora, somos uma associação de fiéis reconhecida na Igreja, formada por laicos casados, de direito privado, e onde deve presidir o princípio: «O que diz respeito a todos deve ser decidido por todos.»

Tudo isto nos leva a procurar na fonte primeira, que é a Escritura, as raízes profundas da nossa Colegialidade.

C) Na linguagem da Escritura

Fazendo apelo à linguagem bíblica, embora não encontremos aí uma referência explícita ao conceito da Colegialidade, recolhemos contudo vários textos relacionados com as experiências de vida comunitária; o que nos permite aproximar-nos progressivamente e com uma relativa precisão do conceito:

+ O sentido do serviço:

Na linguagem do Novo Testamento, é claro que Jesus não privilegia a autoridade mas insiste no sentido do serviço: «*Sabeis que os chefes das nações as dominam e os grandes as tiranizam. Entre vós não deverá ser assim. Ao contrário, aquele que quiser tornar-se grande entre vós, seja aquele que serve, e o que quiser ser o primeiro dentre vós, seja o vosso servo. É assim que o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos*» (Mt 20, 25-28). De tudo isto o Mestre nos deu exemplo: «*Vós chamais-me Mestre e Senhor e dizeis bem, pois eu sou-o. Se, portanto, eu, o Mestre e o Senhor, vos lavei os pés, também vós deveis lavar os pés uns aos outros. Porque é um exemplo que vos dei, para que façais como eu vos fiz*» (Jo 13, 13-15).

De tudo o que foi dito, resulta o princípio «de igualdade» entre os irmãos na fé. É por isso que nós não devemos falar de «poder» mas de «serviço».

+ A unidade entre Cristo e a Igreja

Eis um outro princípio claro: a união da comunidade de fé não se obtém por si própria, mas no espírito de Cristo. «*Eu sou a videira e vós os ramos. Aquele que permanece em mim e eu nele produz muito fruto; porque sem mim nada podeis fazer*» (Jo 15, 5).

Nós somos ao mesmo tempo, os arquitectos e os operários na construção do Reino de Deus. «*Mas cada um veja como constrói. Quanto às fundações, ninguém pode colocar outro além do que aí se encontra, quer dizer Jesus Cristo*» (1 Cor 3, 10-11).

E, durante a construção, o vosso dever como construtores, é de nos manter unidos: «*Aplicai-vos a conservar a unidade do Espírito pelo vínculo da Paz*» (Ef. 4,3-4).

+ Os carismas ao serviço da comunidade

Embora sejamos todos iguais perante Deus, somos providos de diferentes carismas ou talentos (Mt 25, 14-27) que são dons de Deus: «A cada um a manifestação do Espírito deu uma visão do bem comum. A um é uma mensagem de sabedoria, a outro a palavra da ciência segundo o mesmo Espírito; àquele outro... Mas tudo isso é o único e mesmo Espírito que o realiza, distribuindo os seus dons a cada um, conforme lhe apraz» (1 Cor 12,7-11). Estes dons devem ser postos ao serviço da comunidade: «Ninguém acende uma lâmpada para a colocar em lugar escondido ou debaixo do alqueire, mas sim sobre o candelabro, a fim de que os que entram vejam a luz» (Lc 11,33).

+ A função profética da Colegialidade

« O aspecto do céu, sabeis interpretá-lo, mas os sinais dos tempos, não podeis» (Mt 16,3). É o papel profético de toda a comunidade de fé. À medida que os tempos mudam, apresentam-se novas circunstâncias, novas necessidades, novas oportunidades, novos desafios... e pertence à comunidade de fé produzir por graça respostas novas ao exercício e à prática da Colegialidade.

+ Um exemplo de Colegialidade

Finalmente encontramos nos Actos dos Apóstolos (15,1-34) um belo exemplo do exercício da Colegialidade. Isso teve lugar quando da vinda a Antioquia de alguns discípulos da Judeia que ensinavam aos irmãos:«Se não vos circuncidardes segundo a norma de Moisés, não podereis salvar-vos»... Então os Apóstolos e os anciãos reuniram-se para examinar este assunto e após uma longa discussão, de acordo com toda a igreja, decidiram escolher alguns de entre eles e enviá-los a Antioquia com Paulo e Barnabé...portadores de uma carta dizendo:” O Espírito Santo e nós próprios decidimos não vos impor outras obrigações além daquelas que são indispensáveis...” (cf. At 15,1...29).

A escritura confirma aqui o verdadeiro sentido da colegialidade, segundo a qual é a comunidade unida no Espírito que decide, inspirada por Ele, o que é mais apropriado para o bem de todos.

II. DEFINIÇÃO DA COLEGIALIDADE

Chegamos finalmente à definição de Colegialidade dada no documento “A Responsabilidade”:«A colegialidade pode definir-se como um pôr em comum dos “dons” diversificados e complementares que o Espírito tem concedidos a cada um numa busca comum da verdade e um encontro ,mais profundo entre nós» (3).

É neste sentido que a Colegialidade tem por fim procurar junta a vontade de Deus para o Movimento. Isso implica a reflexão, a discussão, o discernimento e a busca de consenso num clima de confiança, de lealdade e corresponsabilidade entre todos os membros da comunidade.

(3) ENS. A responsabilidade nas Equipas de Nossa Senhora. *Ob. Cit.*, p.12.

III. FUNDAMENTO DA COLEGIALIDADE

O que é comum a todos é o nosso baptismo pelo qual o Espírito Santo age em nós. Por outro lado o Espírito Santo faz-se presente num grupo reunido em nome de Cristo (Mt 18,20). Tendo em conta esta presença, não podemos viver em equipa num simples contexto de democracia (direitos e deveres) mas numa atitude de fraternidade, de busca de pontos de encontro, de comunhão. O Espírito Santo gera a unidade. Se nas nossas reuniões procurarmos a presença do Espírito, não falharemos. A unidade tornar-se-à mais forte para aqueles que estão dispostos a escutar a voz do Espírito.

> A responsabilidade e a colegialidade

São pois dois dons dados ao nosso Movimento desde a sua origem, é por isso que a responsabilidade e a colegialidade devem ser exercidas de maneira a servir e a exprimir a realidade dos casais e das equipas como fazendo parte da comunhão eclesial.

Esta maneira de viver a responsabilidade e a colegialidade implica o reconhecimento e o serviço do outro, o respeito mútuo, a confiança, a abertura e uma comunicação recíproca entre todos: é por isso que desde a origem, o nosso movimento instituiu casais de ligação o qual todos temos.

A Ligação é uma condição essencial da colegialidade. Ela é importante para garantir que todos os aspectos das decisões são levados em consideração para que sejam conhecidos e adotados por todos. Nosso movimento deve pois, assegurar permanentemente que no exercício da ligação, a responsabilidade e a colegialidade fiquem em equilíbrio permanente, para permitir uma verdadeira comunhão.

Enquanto casais de ligação, nós somos responsáveis e agentes de unidade, por um serviço que nos foi confiado, junto aos setores, regiões e super regiões do movimento.

Nós somos em todos os níveis encarregados de nos colocarmos em sintonia. Eis porque, os Colegios internacionais, super-regionais, regionais, as equipas de setor, as equipas de serviços (que nós vos convidamos a constitui-las, caso ainda não as tenha), devem ser reconhecidos como instrumentos modernos de ligação no sentido de participação e de colegialidade, refletindo assim a diversidade dos casais.

Todavia, recordemos que a colegialidade deve estar ao serviço da evangelização e não um instrumento para reduzir tudo ao menor denominador comum atenuando as diferenças que são fontes de riquezas. É por isso que convém examinar agora os princípios e os limites da colegialidade.

> Os princípios da colegialidade

A igualdade:

Desde a origem das Equipas de Nossa Senhora, a Colegialidade faz parte das práticas de funcionamento do nosso movimento, tendo como finalidade evidente o bom entendimento mas também a tomada de decisões. Todavia ela implica a presença de

casais que fizeram o objecto de um chamamento idêntico, em vista de um serviço definido.

Este chamamento, se passa por homens e mulheres, é antes de tudo um chamamento do Senhor para se porem ao serviço. Ele confere, desde logo a cada um os mesmos direitos e os mesmos deveres e cria assim as condições indispensáveis à constituição de uma verdadeira colegialidade.

A transparência:

A colegialidade, porque permite a verificação das ideias, exclui os detentores do poder que seriam possuidores de todos os direitos. Ela estimula a expressão livre daqueles que, dispondo de menos experiência ou conhecimentos, poderão no contexto colegial, debater com toda a transparência.

A discussão: (4)

A colegialidade exprime-se pela discussão e a reflexão e não por um simples debate de opiniões ou de convicções. Tal diligência pode ser levada a mal por personalidades que possuem poder, seja por carisma pessoal, seja pela antiguidade do seu conhecimento e que são susceptíveis de ocultar a reflexão, o discernimento colegial e a discussão.

Commentaire [JMMR1] :

Equilíbrio entre colegialidade e responsabilidade:

Se a colegialidade pode gerar fenómenos de tomada de poder, pode também levar a asfixiar a responsabilidade. Acabamos de ver quanto a colegialidade e a responsabilidade devem estar equilibradas. Mergulhadas num aumento de ligação ou de concertação que implicaria uma colegialidade exacerbada, a responsabilidade não poderia ser exercida. É portanto todo o sentido de serviço e de disponibilidade que seria enfraquecido por esta forma de autogestão.

A cadeia da colegialidade:

Um outro princípio reside na necessidade da existência de uma cadeia da colegialidade. É sobre toda a linha de responsabilidade e de serviço do movimento que se deve exprimir a colegialidade: um colégio reunindo nas regiões os sectores,- nas províncias as regiões, - nas super-regiões as províncias ou as regiões. Cada nível de responsabilidade deve comportar esse lugar de exercício do debate, da transparência, da reflexão e da decisão.

IV. EXERCÍCIO DA COLEGIALIDADE

A colegialidade , não pode subsistir senão por uma vivência e um exercício permanente que integram um certo número de passagens obrigatórias.

A colegialidade é, antes de tudo, um estado de espírito mais que um método. Ela deve implicar:

- uma busca comum da verdade,

- uma busca de comunhão e de consenso,
- o estabelecimento de uma confiança,
- um processo de responsabilização e de decisão,
- uma aceitação sem reservas da decisão comum

A) Busca comum da verdade

Trata-se de uma tentativa para compreender e viver a vontade de Deus sobre o Movimento.

Aquela comporta duas etapas essenciais:

- Uma etapa de colecta de dados necessários à análise de problemas e situações que se apresentam em qualquer serviço que estejamos.

Isso supõe:

- = Que tenhamos em conjunto uma linguagem clara e autêntica que se exprime numa grande caridade e correcção fraterna.
- = Que cada membro do colégio esteja atento às necessidades e expectativas dos equipistas e esteja em ligação permanente com eles directamente ou por intermédio das estruturas que nos oferece o Movimento (a ligação).
- = Que todos em conjunto e na comunhão, nos sintamos responsáveis pelo Movimento no caminho para o Mundo (a co-responsabilidade).
- = A humildade e o desinteresse: ninguém é o detentor único da verdade e, antes de tudo, é o bem das Equipas que conta.
- = Que saibamos beneficiar o Movimento das nossas diferenças que se exprimem na riqueza dos nossos dons, das nossas capacidades e da personalidade de cada um.
- = Que as diferenças de temperamento e de mentalidade sejam para nós um trunfo para deitar um olhar fraterno sobre “o outro”.
- = Que não estejamos preocupados senão com a qualidade do nosso serviço e isso fora de toda a procura de poder.
- = Que saibamos fazer passar para segundo plano o facto de pertencermos a um país ou a uma cultura, para assim poder trazer ao debate as suas riquezas e não as suas reticências.

- Uma etapa de verdadeiro discernimento

A procura da verdade desemboca muito naturalmente sobre o necessário discernimento que deve comportar toda a decisão. É pois uma avaliação completa, em referência à vocação e aos objectivos do Movimento, que é preciso fazer. Este discernimento só é possível com a condição de estarmos intimamente convencidos de que é Jesus Cristo quem nos reuniu. É por isso que a vida das nossas equipas e do colégio deve ser condicionada pelos tempos fortes e habituais da vida das Equipas de Nossa Senhora.

Deve ser utilizado o tempo adequado e necessário para um bom discernimento evitando os obstáculos que alongariam a reflexão, diluindo assim o debate numa interminável procura de consenso ou a impulsividade excessiva, ocultando os componentes essenciais da decisão.

Exortamo-vos, como fazemos a partir de agora na ERI, a organizar os vossos encontros respeitando estes tempos principais que são:

» **A oração partilhada**, que permite obter o dom da clarividência para ser bons administradores e gerir melhor esta «herança viva e preciosa» que são as Equipas de Nossa Senhora.

» **O pôr em comum** para conhecer melhor os nossos irmãos em equipa, a sua sensibilidade, o seu estado de vida, para permitir assim a correcção fraterna indispensável a toda a vida da equipa, e para permitir também reforçar o espírito da amor e de entreatura fraterna, e de compreensão recíproca, indispensável a toda a vida da equipa.

» **A partilha espiritual** sem a qual não poderá haver verdadeira unidade na diferença e complementaridade.

» **A consciência forte da nossa missão** apoiada sobre a formação, condição e mesmo medida do anúncio missionário do Evangelho que nos é confiado ao serviço dos casais e das famílias.

B) Procura de comunhão e de consenso

Procurar a comunhão quer dizer aprofundar sempre mais o encontro entre nós. É preciso procurarmos sem cessar a comunhão e não a uniformidade. É da complementaridade que nasce a comunhão. Ela não significa nem nivelamento, nem negação do carácter «único» de cada membro do colégio, seja da ERI seja de qualquer equipa.

- “ A pluralidade não deve causar nem divisão, nem justaposição mas fazer nascer e alimentar a reciprocidade e a coordenação” (Cristi Fideles Laici nº 20)

- A comunhão é pois uma responsabilidade e uma graça dada pelo Senhor, um dever confiado à guarda de cada um de nós. O seu crescimento não pode deixar de ser o fruto do espírito e a nossa resposta fiel e generosa ao Senhor.

- *«Como Tu, Pai, estás em mim e eu em Ti, que eles também estejam em nós, para que o mundo creia que Tu me enviaste»* (Jo 17,21).

- A comunhão abre-se à missão, por isso ela é indispensável para que possamos participar na nova evangelização.

A natureza missionária da Igreja que parte de Cristo, encontra um suporte no Magistério da Igreja que visa promover a comunhão garantindo a unidade de todos os fiéis em Cristo. Com o acordo da Santa Sé, a Equipa Responsável Internacional recebe esta missão e este serviço de garantir boa unidade do movimento em Cristo.

C) O estabelecimento de uma confiança

É a condição “sine qua non” da verdadeira decisão partilhada e colegial. A colegialidade é diferente da democracia, ela repousa sobre a harmonia. Porque ela implica a vontade de escolher em conjunto e chegar a uma decisão comum. A confiança repousa na certeza de partilhar um objectivo comum. A colegialidade encontra a sua fonte na confiança. Sem ela, cada membro de uma equipa entra num sistema de verificação do trabalho do outro. Este sistema de suspeição permanente não pode ser o modo de funcionamento, mesmo excepcional, para um Colégio. Sobre este assunto do trabalho colegial, releia-se com proveito as páginas 11,12,13 do fascículo « A responsabilidade nas Equipas».

A confiança reside também sobre a transparência nas nossas reflexões e nas nossas tomadas de posição; é por isso que nos parece indispensável que o Colégio internacional tome bem a medida de todos ao eixos prioritários fixados por ocasião das suas reuniões anuais. Isto implica uma nova leitura final e atenta dos actos e decisões do colégio.

As entidades super-regionais, regionais ou os sectores ligados à ERI, são o lugar privilegiado do exercício da colegialidade e do espírito de comunhão com o Movimento na Igreja universal: Isto a par com a competência destas instâncias na resolução dos problemas locais de organização ou de gestão das Equipas de Nossa Senhora, na escolha e chamamento dos novos responsáveis e na animação do movimento.

As relações entre as regiões, as super-regiões e os sectores devem ser caracterizadas por uma colaboração fraterna e por uma real preocupação pastoral com respeito aos serviços e competências de cada um.

D) Processo de co-responsabilidade e de decisão

Será à cabeça da sua super-região ou da sua região que deve situar-se a missão do casal responsável? Ou ele é, antes de tudo membro do colégio internacional, super-regional, ou regional e a este título co-responsável do movimento e da sua unidade?

A questão do papel do responsável de Equipa, de Sector, de Região, de Província, de Super-região, em relação à sua equipa e em relação ao conjunto do Movimento interpela-nos pois.

Para medir o quadro da responsabilidade de cada um, convém distinguir o que ressalta do processo de decisão, da responsabilidade de ter ou de assumir uma decisão tomada colegialmente.

-> A decisão

O processo de decisão deve ser entendido como uma reflexão que conduza à discussão e não como um simples debate de opinião ou convicção. Uma decisão deve ser o resultado de um processo que assenta sobre o princípio de uma confrontação de argumentos e de contra-argumentos entre vários actores que aceitam, num dado momento, um ponto de vista ou uma decisão que podem ser diferentes da sua posição inicial.

A discussão é um trabalho da razão que emprega racionalidades diferentes e complementares. Ela permite a elaboração, dentro de um tempo suficiente, de um espaço público crítico que cria, ou pelo menos justifica, as razões dos actos expostos.

“Partindo de diferentes pontos de vista e mesmo de convicções diversas necessitamos procurar juntos chegar a um processo que unifica (...).Isto é particularmente importante para os assuntos que tocam a vocação profunda e os objectivos do Movimento. O que procuramos em toda a decisão é aderir à vontade de Deus (5).

Se o princípio de discussão é respeitado, permite com todo o rigor a obtenção de um acordo de conjunto dos membros do Colégio implicados na discussão, acordo chamado de consenso. O consenso é o resultado procurado, mas a sua obtenção não deve por isso, tornar insípida a discussão.

O consenso não é um princípio ético suficiente se for mal empregue. Pode ser – e é esse então o seu limite – a expressão de uma ideologia de grupo, o produto de uma dominação hierárquica ou carismática de um ou vários membros desse grupo.

Devemos defender a ideia de que um só não pode ter razão contra todos.

O tempo concedido à tomada de decisão deve permitir recuar quando for necessário para a compreensão das situações, quer elas sejam humanas, sociais ou espirituais.

A discussão nem sequer garante à decisão tomada a certeza da sua absoluta legitimidade. Todavia ela confere uma seriedade e um rigor de que nós não saberíamos abster-nos.

A discussão, porque exige que se tome em consideração argumentos do conjunto dos actores como força crítica é uma condição imperativa para que o processo de decisão se exerça de maneira harmoniosa, colegial e precisa.

-> A responsabilidade

O exercício da responsabilidade funda-se no sentido de serviço e não na autoridade. Ela desenvolve-se pela prática da colegialidade, portanto, o papel do casal responsável pode precisar-se nos seguintes pontos:

- a) A sua primeira função a todos os níveis da organização é a de trabalhar em equipa por isso, o casal responsável deve esforçar-se por estimular a amizade e a confiança entre todos os membros da equipa. O Pôr em Comum revela-se um instrumento muito útil a esse respeito, mas a oração é também indispensável, *«porque, sem mim, nada podeis fazer»* (Jo 15,5)
- b) O casal responsável deve esforçar-se por descobrir e estimular os dons particulares da cada um dos membros, casais e conselheiro espiritual da sua equipa, a fim de permitir a cada um pôr ao serviço da equipa as suas capacidades próprias.
- c) A função de animação do casal responsável obriga-o a estimular a reflexão pelo estudo e a discussão dos diferentes temas de que a equipa se ocupa. Deve garantir

a expressão livre das ideias de cada um dos membros da equipa.

d) O casal responsável deve agir com toda a caridade fraterna, agir como conciliador entre os membros da equipa cada vez que as diferentes posições sejam divergentes a fim de trabalhar para a obtenção de um consenso.

(5) ENS – A responsabilidade nas Equipas vde Nossa Senhora. *Op. Cit.*, p.13.

e) Quando o processo colegial não possa resultar num consenso e que equipa o exija, o casal responsável deve tomar a decisão final em consciência em nome da sua responsabilidade. Mas deve fazê-lo pela oração, em estreita união com o Espírito, e sempre em espírito de serviço.

f) Todas as modalidades e todos os detalhes de todos os assuntos que tocam o nosso Movimento não podem ser objecto de decisões adoptadas colegialmente. Se é *“certo também que trabalhar em colegialidade não dispensa o casal responsável da sua missão própria que é tomar e assumir a decisão final quando o processo colegial não pode chegar a um consenso”* (6), existem outros casos ou assuntos diferentes do que respeita directamente à vocação profunda, os objectivos e a pedagogia do Movimento, para as quais o Responsável deve exercer plenamente o seu papel.

g) Finalmente, *“a colegialidade não anula a missão do casal responsável que, em cada escalão da organização, é o sinal visível da unidade da equipa* (7)

E) A decisão comum

Uma decisão tomada no quadro da cogelialidade compromete todos os membros responsáveis do colégio que estão encarregues, segundo a sua missão, de velar para que ela seja aplicada no espírito e segundo as modalidades que presidiram à sua determinação.

Isto implica que a decisão seja bem compreendida, e que, em seguida, cada um não lhe traga modificações que levem à alteração da decisão. Só as adaptações locais incluídas No perímetro da decisão, são possíveis, desde que previstas e conhecidas

A solidariedade entre todos os membros de um mesmo colégio, e do nosso em particular, é essencial porque ela é o garante do espírito de serviço e de entreatajuda que caracteriza o nosso movimento

Nenhuma entidade do Movimento pode, sem prejudicar a saúde de todo o corpo, modificar ou tomar iniciativas que ponham em perigo as Equipas de Nossa Senhora na sua organização, nos seus princípios fundadores, na sua disciplina ou nos seus métodos.

Isto supõe portanto uma perfeita lealdade de uns para com os outros. Está aí o prémio da unidade do nosso movimento que deve encontrar a sua fonte na unidade das nossas equipas e do Colégio e, portanto, no amor que nos une. *«Vêde como eles se amam»*.

F) Avaliação

Para que a colegialidade seja vivida num verdadeiro espírito de serviço na continuidade com o espírito das Equipas de Nossa Senhora e em fidelidade com esse espírito, deve ser objecto de uma avaliação periódica por aqueles que nele vivem em todos os níveis de serviço.

Esta avaliação do trabalho colegial poderá ser conduzida por cada instância de responsabilidade, equipa regional, supra-regional, no seio das zonas, da ERI e do Colégio.

(6) e (7) ENS- A responsabilidade nas Equipas de Nossa Senhora. *Op. Cit.*, p.12-13-14

CONCLUSÃO

A Colegialidade é um meio magnífico de ter em conta o máximo da riqueza de cada um e de fazer crescer melhor as nossas decisões através de uma reflexão que toma em consideração a realidade da vivência dos casais.

Uma realidade que não dá frutos «para os outros» e que trabalha somente para ela, é inútil. Se o nosso movimento se ocupa apenas de si próprio, esquece que está ao serviço de algo maior: ser uma janela da qual se vê DEUS, ser um espaço aberto onde aparece a Palavra de Deus e onde ela se torna presente na nossa realidade.

A Colegialidade bem vivida protege-nos da opacidade do olhar sobre os problemas do mundo, este mundo cheio de sofrimento mas também cheio de felicidade que nós temos de fazer evoluir pela nossa responsabilidade e em colegialidade, a fim de que se construa a civilização do amor que nos é anunciada por Jesus Cristo no seu Evangelho.

A chave do sucesso desta nova evangelização no seio do nosso Movimento reside no espírito de colegialidade, no qual os equipistas responsáveis a todos os níveis trabalham numa perspectiva de santidade.

A Igreja e o nosso Movimento na Igreja devem hoje enfrentar imensos desafios, que põem à prova a confiança e o entusiasmo dos anunciadores do Evangelho. Não se trata somente de problemas quantitativos, devidos ao facto de os cristãos constituírem uma minoria mas de uma mudança do panorama cultural dominado pelo déficite de envolvimento.

A Colegialidade é uma das maneiras de envolver as novas gerações de responsáveis, mais sensíveis e melhor formados a esta maneira de agir, a fim de que o apelo, que receberão do Senhor por nosso intermédio, lhes permita crescer e fazer crescer os outros através de um envolvimento total e radical ao serviço do Evangelho.

Equipas de Nossa Senhora, nós vivemos a EQUIPA desde a primeira reunião de 25 de Fevereiro de 1939 de quatro casais juntos e com o Padre Caffarel; não é isto o mais belo testemunho que a colegialidade é uma realidade que trás muitos frutos?

* * * *